

O carteiro e o poeta: Porque a língua serve não só para lamber selos

Resumo do filme O filme "O carteiro e o poeta", do diretor Michael Radford, se passa numa remota ilha da Itália, onde há água doce corrente, cujos habitantes tem a pesca como atividade principal e são majoritariamente analfabetos.

Pablo Neruda (Philippe Noiret), poeta do amor chileno, vai para esta ilha viver o seu exílio (eram tempos de ditadura na América Latina). Massimo (Massimo Trossi), um dos poucos habitantes locais que sabe ler e escrever, fica incumbido de ser o carteiro exclusivo do Neruda. O carteiro admira Neruda por ele ser considerado um poeta amado pelas mulheres, como anunciou o cine-jornal da ilha; e tenta aproximar-se do chileno na esperança de obter sucesso com as mulheres, mas o Neruda não dá muita atenção ao Massimo. Até que Massimo apaixonou-se perdidamente por Beatrice (Maria Grazia Cucinotta) e pede a Neruda para ajudá-lo a conquistá-la. A partir daí, a relação dos dois vai se estreitando e aprofundando, sempre tendo a poesia como guia desta bonita amizade que surge. Massimo começa a ler os poemas do Neruda, tenta escrever os seus próprios, aprende o que é metáfora e conquista o seu grande amor com o auxílio da poesia. Beatrice e Massimo se casam e Neruda é o padrinho de seu casamento. Neruda volta para o Chile. Massimo e os moradores da ilha passam bastante tempo esperando uma carta pessoal do poeta chileno, mas esta não chega. Massimo, então, grava uma fita para Pablo, onde descreve os seus lugares prediletos da ilha, como Neruda o havia pedido certa vez, e ele apenas conseguira dizer o nome de sua amada Beatrice. Massimo, inspirado pelo Pablo Neruda, envolve-se com o movimento comunista, mas, ao que o filme indica, ele se envolve como poeta, pois vai à manifestação política para declamar o seu primeiro e único poema (canção para Neruda), mas acaba morrendo num tumulto causado pela repressão policial, antes mesmo de ler o poema. O filme dá um salto no tempo e mostra a volta de Neruda à ilha, anos depois, com o filho de Massimo e Beatrice (Pablito) já crescido. Neruda finalmente recebe de Beatrice o valioso presente que Massimo havia deixado: sua descrição peculiar e sensível das belezas da ilha. Poesia pura!

Apreciação Crítica – foi naquela época...

A poesia chegou me procurando.

Eu não sei, não sei de onde ela veio,
se de um inverno ou de um rio.

Eu não sei como nem quando.

Não, não eram vozes,

não eram palavras, nem silêncio;

mas de uma rua eu fui chamado abruptamente

dos ramos da noite, dos outros,

no meio de um tiroteio violento,

e num retorno solitário lá estava eu

sem um rosto... e ela me tocou.

Pablo Neruda

A ilha e seus moradores A ilha, onde se passa a história, não tem água doce corrente e depende da água trazida por navio apenas uma vez por mês, o que não é suficiente para suprir a necessidade local. Seus moradores são em sua maioria analfabetos e tem a pesca como principal atividade. A comunidade há tempos espera que os políticos cumpram as promessas feitas em época de campanha eleitoral (de levar água para a ilha, de melhorar as condições de vida da população), mas são consecutivamente enganados, sem reagir a isso, sempre acreditando de novo nas mesmas mentiras, como acontece com o político Di Cosimo, que logo após vencer as eleições, desfaz todos os compromissos que assumira com a comunidade apenas para ser eleito. É uma comunidade acostumada a reproduzir velhas formas de vida (trabalho, casamento, reprodução), sem almejar muito mais do que isso, sem questionar, sem exigir seus direitos, sem reagir às injustiças. A ilha traz a ideia de um ambiente limitado, isolado, sem água e sem apoio das entidades públicas. Massimo: um ser parte Massimo Ruoppolo, um homem de seu trinta anos de idade, está desempregado e mora com o pai, um velho pescador. Massimo não pode pescar, pois é alérgico à umidade dos barcos e sente enjoos com o balanço do mar. Massimo recebe um cartão postal de uns primos que vivem na América e contam maravilhas de lá, como o país é próspero e desenvolvido, e isso faz com que ele sonhe com uma vida diferente, em um novo lugar, onde não falte água e haja outras oportunidades de trabalho; muito diferente da realidade da ilha onde mora. Já nas primeiras informações que o filme apresenta a respeito de Massimo, podemos observar que ele se distingue do resto da comunidade da ilha. Ele não se adaptou a esse modo de vida, ele espera algo diferente para si mesmo. O pai de Massimo percebe a sua inadaptação ao ambiente da ilha, quando admite que Massimo nunca quis ser pescador, mas, ainda assim, exige que ele arranje logo um trabalho, não importa onde. A convivência com Neruda A chegada do grande poeta Pablo Neruda, anunciada pelo cine-jornal, é um grande acontecimento para o lugarejo, não acostumado ao acontecimento de fatos extraordinários. A chegada de Neruda gera uma curiosidade da população em relação ao modo de vida do intelectual chileno e Massimo, por ser o único membro da comunidade a ter acesso ao artista, pretende aproveitar-se desse privilégio para chamar a atenção das mulheres, como o amigo do poeta do amor. A chegada de Pablo Neruda significa a oportunidade de uma vida nova para Massimo. Ao se envolver com a poesia, ele vai se distanciando do modo de vida vigente na ilha (pesca, analfabetismo, repetição de antigos padrões) e tem a possibilidade de descobrir o seu verdadeiro caminho: ser poeta. E o trabalho que Massimo arruma é justamente o de carteiro do Pablo Neruda, embora desde o início o seu chefe o alerte que o dinheiro não dará para nada além de uma sessão de cinema por semana; o que não impede Massimo de aceitar o trabalho, pois o seu desejo de estar próximo ao poeta do amor e de aprender com ele os segredos das conquistas amorosas é muito maior do que suas expectativas

financeiras. Májrio ão sensã-vel, percebe que o ato de criar ão frãjgil e importante, ele chega sempre com cuidado ã casa de Neruda, temendo atrapalhar seu processo criativo. Májrio observa que todos os remetentes das cartas que Neruda recebe sãeo femininos e vãa, ainda, que o poeta tem uma relaããeo carinhosa e apaixonada com a esposa; entãeo ele decide que tambãom quer ser poeta, para que as mulheres se apaixonem por ele. O desejo de ser amado ão que dãj ao Májrio o primeiro impulso para traãsar o seu novo caminho: o de poeta. Májrio: ão "Como me torno poeta?" Neruda: ão "caminhando pela baã-a e observe tudoã". Assim comeãsa ão "oficialmenteã" a nova carreira de poeta do carteiro. Májrio, capaz de perceber intuitivamente a poesia do mundo, das pequenas coisas, ele tem uma imaginaããeo e uma sensibilidade que sãeo a base da sua capacidade poãtica. Májrio nãeo tem conhecimento tãcnico ou teãrico da poesia ou da literatura, ele atã sente dificuldade em colocar no papel a poesia que sonha fazer, mas a sua maior obra ão a sua prãpria vida, o seu jeito singular de observar o mundo, o seu amor por Beatrice, a forma como ele vãa as belezas da ilha... esse ão o seu poema maior! Májrio tem caracterãsticas especãficas que podem, de certa forma, explicar o fato de ele ter sido tãeo fortemente inspirado e envolvido por Neruda e pela poesia: simplicidade, espontaneidade, romantismo, sensibilidade aguãada, curiosidade... ele pesquisa sobre o Chile num Atlas, assim que o poeta chega; observa atentamente a relaããeo de Neruda e Matilde (sua esposa), lãa os poemas do Pablo Neruda, contempla a natureza... enfim, Májrio tem alma de poeta e quando encontra Neruda e sua poesia, ão como se todo seu potencial poãtico, que estava adormecido, despertasse pouco a pouco, ganhando forãsa e asas para voar por onde a imaginaããeo o levar. Májrio ão um romãntico e com esses olhos ele vãa a vida. Para seu chefe no correio, Pablo era o ão "poeta do povoã" e para Májrio era o ão "poeta do amorã". ão Aprendendo o que ão metãjfora Ao comeãsar a ler as poesias de Neruda, Májrio comeã a trazer dãvidas para discuti-las com o poeta, daã surge a questãeo da metãjfora e Májrio pede ao Pablo para ensina-lo nãeo são que sãeo metãjforas, mas tambãom a construã-las. "Vocã quer dizer que o mundo todo, o mar, o cãou com a chuva, as nuvens... o mundo todo ão, todo ele, metãjfora de alguma outra coisa?" Essa pergunta de Májrio ao Neruda deixa claro o seu dom de ver o mundo com olhos e alma de poeta, percebendo todas as coisas como possibilidades poãticas, como metãjforas de coisas que nãeo vemos. A metãjfora envolve a tensãeo entre o mundo visã-vel e o invisã-vel e ainda uma tensãeo dentro de nãos mesmos, ela ão a prova de que hãj pelo menos duas formas diferentes de ver as coisas, dois significados ostensivamente compatãveis. Desta forma, a metãjfora privilegia a diversidade, a co-existãncia das diferenãsas, a liberdade de expressãeo e exalta a subjetividade, pois a metãjfora permite que cada um apresente o(s) seu(s) ponto(s) de vista. ão O amor como impulso criativo Ao se apaixonar por Beatrice, Májrio ganha o impulso decisivo para realizar o seu novo projeto de vida, o de um homem livre, criativo, sedutor... O amor ativa a sua imaginaããeo (que linda a cena em que ele compara a bola de totã que Beatrice carregava na boca, ã lua cheia, e desenha o cãrculo no papel, o seu primeiro ão "poemaã" inspirado pelo amor por Beatrice). A imaginaããeo ão fundamental para o amor, para a poesia, para a vida. ão A imaginaããeo, o amor, a poesia e a vida ão ão "aããeo da crianãsa que inventa uma nova brincadeira com os seus companheiros, ou a de Einstein, que formula a teoria da relatividade, ou a da boa dona-de-casa que inventa um novo molho para o prato, ou a de um jovem escritor que escreve seu primeiro romance, sãeo todas, segundo a nossa definiããeo, criativas.ã" Carl Rogers, psicãlogo e cientista. ão Neruda se espanta com a potencialidade criativa e poãtica de Májrio, que volta e meia sai com tiradas altamente elaboradas e de uma poesia incrã-vel, apesar de ele nãeo ter tido nenhuma aprendizagem formal desta arte. Neruda chega atã mesmo a pedir sugestães ao Májrio para construããeo de seus novos poemas, ao que Májrio auxilia tranqãila e espontaneamente. Albert Einstein disse certa vez que ão "a imaginaããeo ão mais importante que o conhecimentoã". No caso de Májrio, um pãnato, essa frase me parece verdadeira. No texto ão "O conceito de imaginaããeo criativaã", Gelson Luis Roberto e Marisa Campio afirmam que a imaginaããeo nos oferece a possibilidade de enxergar o lado interior das coisas e de reconhecer que hãj mais em nossa experiãncia cotidiana do que costumamos admitir. Para eles, a imaginaããeo torna possã-vel o lado metafãrico da linguagem e a visãeo poãtica da vida requer a manutenããeo da consciãncia cotidiana. Májrio parece equilibrar-se bem entre esta tensãeo cotidiano/imaginaããeo. Ele transita bem entre os dois universos e aos poucos, atravãos da poesia, parece os integrar. Parece certo que Neruda tambãom teve muito a aprender com o Májrio. Ele pã de perceber, atravãos de sua relaããeo com esse homem tãeo simples e puro, que hãj poesia nas pequenas coisas, a poesia estãj no mundo que nos cerca e que apenas espã-ritos muito sensã-veis (como o de Májrio) sãeo capazes de captar. ão A poesia e o processo de individuaããeo ão "Mas, o que ão um poeta, o que ão a poesia?"

A palavra poesia vem do grego poesis, substantivo derivado do verbo poieã que indica a aããeo de fazer. O termo poieã ão tomado nas seguintes acepães:

- 1- fabricar, confeccionar.
- 2- criar, produzir.
- 3- fazer nascer, causar.
- 4- buscar, investigar.
- 5- fazer por si, fazer segundo seu gosto.
- 6- criar por si, fazer a si mesmo.
- 7- apreciar, julgar.

Poesis (poesia) ão, portanto a aããeo que lhe corresponde. E, poietes que ão o realizador dessas aãães tem os seguintes significados: autor, criador, inventor, fabricante, artesãeo. O poietã realiza a poesis porque ão poietikãs e esta palavra tem as seguintes acepães: que tem a virtude de fazer; quem ão inventivo e engenhoso; o que ão prãprio da poesia.

Aquilo que o poietes produz, porque ão ele mesmo poietikãs e realiza poesis, ão o poiema. Poiema tem as seguintes acepães: o que se faz; a obra, os atos da criaããeo do espã-rito, invenããeo.ã[1] ão Májrio concretiza a sua obra poã ao gravar a fita para o Pablo Neruda, descrevendo os sons e as imagens da sua ilha. Sim! Porque agora ão a sua ilha que ele vai dar de presente para Neruda, ão a sua forma particular de ver e viver esse lugar. ão "Nãmero um: ondas em Cali Sotto. Pequenas.

Nãmero dois:

ondas grandes.

Número três:

vento nos rochedos.

Número quatro:

vento nos arbustos.

Número cinco:

redes tristes do meu pai.

Número seis:

o sino da igreja. Com padre.

(Belo. Não havia notado antes

como era tudo tão belo).

Número sete:

céu estrelado na ilha.

Número oito:

o coração de Pablito. • Definitivamente, Májrio aprendeu o que metáfora e essa gravado-poema materializa sua forma específica de ver poeticamente o mundo e a partir desta visão, também construir o seu próprio mundo de forma poética, metafórica, levando em conta o mundo sensível, invisível, mas que Májrio pode sentir e perceber muito naturalmente. A adesão ao invisível, eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino íntimo... A verdadeira poesia é uma função de despertar •

Gaston Bachelard[2] No texto "Poesia e individualidade", Vera Lucia Paes de Almeida diz que o processo de individualização é um processo poético e envolve um constante encantamento com a vida. Este encantamento, segundo a autora, provém de um contato com o invisível, com o inconsciente. Para ela, fazer a ligação entre o visível e o invisível é manter a conexão ego-self; é encontrar no cotidiano o significado simbólico que torna cada sujeito único e especial. A trajetória poética do Májrio é a confirmação do que nos diz a autora. Ao apaixonar-se por Beatrice e pela poesia, ele entra num estado de encantamento com a vida, com a natureza, com as pequenas coisas do dia-a-dia. Ao aprender o que metáfora, ele entra em contato com o invisível, com o que está por trás das coisas visíveis e até mesmo com o divino. Ele se apossa do seu mundo, integra-se, por isso eu afirmo acima que agora a ilha era sua, porque com a sua imaginação criadora, ele se apropriou dela, assim como se apropriou de si mesmo. Ao fazer da sua vida uma poesia, ao se encantar com o mundo, Májrio faz essa ligação entre o visível e o invisível, ele vai se individuando, se tornando um sujeito único no universo. Ao aderir ao invisível e à imaginação criadora, ele toma gosto por seu próprio destino.

Conclusão Quem, eventualmente, poeta não é, cria o quê? Se alguém não tem mesmo nada para criar, pode talvez criar a si mesmo. C.G. Jung. O processo de individualização do Májrio, já esboçado antes da chegada de Neruda à ilha, deslancha a partir desta relação de amor com o poeta, com a poesia e com Beatrice. Májrio começa a compreender a si mesmo, a desenvolver seus potenciais, a sua auto-estima fica elevada e sua relação com as pessoas torna-se mais harmoniosa e autêntica. Ele não tem mais vergonha de ser quem ele é, se sente valorizado, amado. Májrio também estava acostumado a não reagir às injustiças, o que podemos observar na cena em que Neruda descobre que falta água na ilha e pergunta a Májrio porque eles (a comunidade) não protestavam contra isso, ao que Májrio responde: "É difícil dizer o quê?". Mas a sua postura em relação a isso também vai sendo modificada a partir do seu encontro com o poeta e a poesia. Um pouco mais tarde no filme, ao observar compradores negociando com pescadores por um preço mais baixo, Májrio interfere, dizendo que eles parem de barganhar com os pobres, que barganhem com quem tem mais do que eles. No final do filme, somos informados de que Májrio adere ao movimento comunista, ainda que como poeta; mas ele segue tomando atitudes, sendo um sujeito ativo, abandonando a passividade comum ao meio ambiente do qual ele provém. Assim, podemos perceber que um novo homem estava sendo construído, sendo transformado em vários aspectos de sua vida: afetiva, intelectual, social... Májrio mergulhou de cabeça no seu processo de individualização e é certo que iria muito além, se não tivesse sua vida abruptamente interrompida pelo incidente fatal na manifestação comunista.

[1] DE OLIVEIRA, Cid. O Carteiro e o Poeta - Da vida ordinária à vida poética. portodoceu.terra.com.br/artesimbolismo/ocarteiro-eopoeta.asp • [2] Bachelard, G. "A água e os sonhos". Martins Fontes. 1998. p. 18.